

Reportagem Especial

LUTA CONTRA AS DROGAS

Crack leva empresário ao abismo

Jeferson Maioli, que hoje está recuperado, perdeu R\$ 800 mil e deixou dois cursos superiores por causa do consumo de crack

Aline Nunes
Eliane Proscholdt

De uma vida de luxo para o abismo. Assim se resume parte da história do empresário Jeferson Assunção Maioli, 30 anos, que perdeu R\$ 800 mil por causa do vício em crack.

Hoje, ele garante que superou a dependência e sonha em concluir a faculdade, que foi deixada de lado devido às drogas.

Sorridente, Jeferson fez questão de se identificar e fazer fotos para a reportagem de **A Tribuna**, alegando que pretende ajudar as pessoas, especialmente os amigos, a se libertar do mundo do vício.

O drama dele teve início há 11 anos, quando começou a usar cocaína e maconha.

Há seis anos e meio, ele recebeu um amigo em seu apartamento, em Guarapari, que ofereceu fristo (mistura de maconha e crack para aumentar as sensações provocadas pelos entorpecentes).

Casado, ele disse que aproveitou o momento em que a mulher estava no banho para experimentar a droga. "Foi amor à primeira vista.

Foi aí que comecei a caminhar para o abismo", desabafou.

Ele fazia faculdade particular de Jornalismo e por causa das drogas parou no quarto período. "Meus pais, que também são empresários, ficaram muito tristes e fizeram de tudo para me ajudar".

Após ter perdido o direito de continuar cursando a faculdade, já que não trancou a matrícula, ele fez outro processo seletivo na mesma instituição e passou. Só que não estudou. Também fez vestibular para Biologia, em outra faculdade, e novamente abandonou por causa das drogas.

"Usei maconha e cocaína na faculdade, no banheiro e no estacionamento, dentro do meu carro. Já o crack só usei no estacionamento da instituição que fazia Biologia".

Entre os bens que perdeu para o crack estão um apartamento em Guarapari, carros, celulares e joias. "Fumei mais de R\$ 800 mil".

Atualmente ele leva uma vida simples em uma casa de recuperação de dependentes, batizada de Esquadrão Resgate Vida, no Xuri, zona rural de Vila Velha, onde chegou em fevereiro e pretende permanecer por nove meses.

"Meus pais fizeram de tudo para me ajudar. Fui internado em várias clínicas, até no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na última, meu pai gastou R\$ 35 mil. Mas como eles viram que eu não reagia, disseram que iriam desistir. Passado um tempo, decidi procurar ajuda e hoje sou uma nova pessoa", disse.



JEFERSON diz que a atração pela droga foi imediata e devastadora, mas conseguiu se reerguer ao procurar ajuda

Universitários buscam ajuda para deixar vício

Assim como o empresário Jeferson Assunção Maioli, outros universitários estão buscando ajuda para se livrar do vício do crack.

Quem afirma é o médico João Chequer, doutor em dependência química. Ele tem quatro pacientes jovens, entre os quais uma mulher, que estão fazendo tratamento para se libertar do crack.

Entre os sinais para identificar o uso estão emagrecimento rápido e baixo rendimento escolar. "O crack tem o poder imenso de dependência rápida", observou.

Os tratamentos se baseiam em processo de desintoxicação, chamada de intervenção breve. Outra alternativa é a internação, além de medicamentos que reduzem a vontade de fazer o uso da droga.

Já o delegado Ícaro Ruginski, da Delegacia Especializada em Tóxicos e Entorpecentes (Deten), disse que há denúncias de uso de maconha e cocaína dentro e, especialmente, nas imediações de faculdades na Grande Vitória.

Mas ele destacou que não tem informações sobre o uso do crack dentro das instituições.

O presidente do Sindicato das Empresas Particulares de Ensino

do Estado (Sinepe-ES), Antônio Eugênio Cunha, disse que as instituições fazem palestras, cursos, seminários e debates para alertar sobre os problemas das drogas.

Além disso, a maioria das faculdades conta com monitoramento de câmeras e têm funcionários qualificados que observam a rotina dos alunos.

"Se porventura for identificado uso de drogas, a família é acionada imediatamente", garantiu.



CHEQUER: poder de dependência

ENTREVISTA JEFERSON ASSUNÇÃO MAIOLI

"Quero ajudar outras pessoas"

A TRIBUNA — Quem te apresentou às drogas?

JEFERSON ASSUNÇÃO MAIOLI — Não busquei as drogas por influência de amigos. Fui por conta própria. Não posso reclamar de ausência da família, pois a minha sempre foi exemplo em tudo. Sempre tive tudo que um filho podia ter, carros, apartamentos...

> O que pode ter te atraído?

Acho que fui para as drogas (cocaína e maconha) porque gostava de interagir com os colegas e ficar com humor alterado.

Quando usava drogas, ficava mais criativo em sala de aula. Minhas notas sempre foram boas.

> Você se tornou viciado em crack na primeira pedra?

Sim. Foi uma euforia, um prazer inexplicável. Era uma sensação de grandeza. Foi amor à primeira vista. No começo, o efeito era imediato e durava entre 10 a 15 minutos. Meu amigo, que levou a primeira pedra, deixou outra comigo. Eu a usei no carro, a caminho de uma festa. Estava dirigindo. Fiquei eufórico, mas um pouco agressivo.

> Usava em quais momentos?

Comecei com uma pedra no baseado, mas depois cheguei a fumar 30 pedras em uma noite.

> Trabalhava nessa época?

Sim, com o meu pai. Ele também abriu uma casa noturna para mim, mas fechei por causa do vício.

> O que perdeu para o crack?

Vendi um Uno novo e outros carros, moto que tinha para fazer trilha, um apartamento em Guarapari por R\$ 180 mil, além de objetos pessoais, como celulares, cordões, relógios, tênis. Em três meses, "queimei" um Vectra.

> Como sua família descobriu que você era usuário de crack?

Sempre tivemos um diálogo aberto. Meu pai percebeu que eu estava emagrecendo rápido. Perdi mais de 20 quilos. Tinha 75 quilos e fiquei com 50. Abri o jogo.

No começo, meu pai achou que eu falava do álcool, mas quando disse que era crack, ele, minha mãe e meu irmão mais novo choraram muito. Eles ficaram atemorizados.

> O que aconteceu depois?

Em 2007, me internei por conta própria em uma clínica de desintoxicação. Fiquei 52 dias e saí. Dois meses depois voltei a fumar crack.

> Você se internou de novo?

Outras quatro vezes. Na última, fiquei quatro meses. Meu pai gastou R\$ 35 mil. Só que 19 dias de-

pois, voltei a fumar crack. Foi aí que meu pai me chamou e disse que eles tinham desistido.

> O que sentiu?

Eu me entreguei às drogas. Ficava dias fora de casa, no apartamento de outros amigos usuários. Só que em novembro do ano passado decidi dar um basta. Vi que estava acabado, deprimido.

Sempre gostei de malhar, surfar e já não tinha mais forças para nada. Foi aí que busquei ajuda e me internei.

Eu tive o apoio da minha família, que só falou, mas nunca desistiu de mim, e também dos meus amigos de infância.

> Como se sente agora?

Sou uma nova pessoa. Quero sair daqui e terminar minha faculdade e ajudar os negócios da família.

Drogas nunca mais. Mas primeiro quero ficar aqui no Esquadrão Resgate Vida até completar nove meses. Também quero ajudar outras pessoas a se livrar das drogas.

> Como é sua rotina aqui?

Acordo 6h30. Sou o responsável pelo almoço e jantar. Levo uma vida simples, mas com muita dignidade. Aqui também busquei e encontrei Deus, que me deu força para superar tudo o que passei.

Reportagem Especial

LUTA CONTRA AS DROGAS

Vício faz jovem largar faculdade e ir para a rua

Enquanto o empresário Jeferson Maioli trilha o caminho da recuperação, uma jovem de 22 anos segue por uma estrada que, para muitos, não tem volta. Ela largou a faculdade de Odontologia também por causa do crack. Moradora de Itapoã, Vila Velha, a jovem é filha de uma contadora e um empresário. Mas o endereço dela frequentemente tem sido as ruas e, em especial, os terrenos baldios para o consumo da droga. E foi em uma dessas áreas, nas imediações do Terminal de Vila Velha, que a ex-universitária foi detida na última sexta-feira, após uma abordagem de equipes da prefeitura e da polícia. A ação foi filmada pelas câmeras instaladas no local pela prefeitura da cidade. Mesmo depois de liberada, a jovem não retornou logo para sua residência: "Ela só chegou aqui no sábado, por volta de 11 horas, toda suja e feia", comentou a mãe. Na operação policial, segundo o delegado Mario Brocco Filho, titular do Departamento de Polícia

Judiciária (DPJ) de Vila Velha, foram detidos 15 viciados, mas apenas um foi autuado porque, com ele, foi encontrada pedra de crack. Era um técnico em informática, filho de um analista de sistemas, também de classe média. "Antigamente, quando eu trabalhava em Vitória, o crack estava restrito à Vila Rubim e aos mendigos. Agora, está em todo lugar e afeta todas as classes sociais", observou o delegado. Mario Brocco acrescentou que, enquanto registrava a ocorrência dos 15 usuários, recebeu a denúncia de que havia outro grande grupo de viciados no mesmo local. "A gente prende e logo outros aparecem. O problema é social e crescente porque eles precisam de tratamento e não há local para esse monte de gente", disse Brocco. A jovem que abandonou o curso de Odontologia, numa faculdade particular de Vitória, é um exemplo da necessidade de unidades para internação. A mãe dela contou que, no final

do ano passado, buscou ajuda no Hospital da Polícia Militar (HPM), em Vitória, mas não havia vagas. Depois de passar por outro drama familiar, com a morte dos pais, a contadora disse que vai voltar a tentar internação para a filha.

DEPOIMENTO

"Colega foi morta"

"Minha filha recebia dinheiro do pai para ajudar nas despesas e chegou uma hora que resolveu morar com uma amiga. Foi lá que descobri que ela estava usando drogas. Fui atrás dela na 'cracolândia', a ponto de tirá-la de lá pelos cabelos. Nos lugares aonde vai, já mataram muita gente. Teve uma colega dela que foi morta. Ela chorou muito, ficou uma semana em casa, mas não resistiu".

Mãe da ex-universitária



O TÉCNICO EM LOGÍSTICA relatou o drama que a família vive

Pai pede ajuda à polícia

Sem saber a quem mais recorrer, um técnico em logística, de 53 anos, foi ontem ao Departamento de Polícia Judiciária (DPJ) de Vila Velha para pedir ajuda para o filho de 24, usuário de crack. Era visível o rosto aflito do pai, que esperava receber alguma orientação sobre como proceder. O jovem já havia sido internado por duas vezes para desintoxicação, sem sucesso, já que o prazo do tratamento era de apenas 30 dias. "Bastava sair da clínica que ele voltava a usar droga", contou. O técnico em logística, atualmente sem trabalho, disse que ele e a mulher, uma enfermeira, vivem uma luta diária para manter o filho

mais jovem na faculdade, enquanto o mais velho se desfaz dos bens da família por causa das drogas. "É com muito sacrifício que a gente paga o curso de Engenharia para um, enquanto o outro vai vendendo tudo o que encontra dentro de casa", revelou o pai. O técnico em logística falou que, para não perder mais o que possui, as portas de todos os cômodos ficam permanentemente trancadas para evitar que o jovem venda os objetos de casa. Como alerta a outros pais, o técnico ressaltou: "Acompanhem de perto. Não basta uma boa escola, como eu paguei. Saibam quem são os amigos de seus filhos".



REPRODUÇÃO DE IMAGENS de vídeo no momento da ação policial: 15 jovens foram conduzidos para delegacia

Terrenos usados por dependentes

Na região onde a ex-universitária foi detida, perto do Terminal de Vila Velha, há terrenos murados, mas cheios de mato, e também ruas tomadas por lixo e entulhos. O ambiente é propício para quem quer disfarçar o uso de drogas. Um comerciante da região, de 36 anos, disse que diariamente, pela manhã, tarde e noite, os viciados estão nas imediações. "É um transtorno, mas a gente não pode fazer nada para não ter problemas. Muitas vezes, os clien-

tes ficam com medo até de chegar", reclamou. O comerciante falou que, em relação ao lixo, a prefeitura faz limpeza todos os sábados mas, cerca de duas horas depois, a rua já está fechada por detritos novamente, levados por pessoas até de outros pontos da cidade. Ele avalia que, se houvesse fiscalização, seria mais fácil evitar o problema e limitaria o esconderijo dos usuários de drogas. A doméstica Edilza Santos de

Jesus, 27 anos, que todos os dias faz o mesmo percurso, de Itapoã a Cristóvão Colombo a pé, falou que sente medo da travessia próxima ao Terminal de Vila Velha. "Fico preocupada com a malandragem que está sempre por aqui", comentou. A prefeitura informou, por meio da assessoria, que ainda nesta semana vai definir ações em relação aos terrenos. Se for necessário, haverá demolição de muro e limpeza, como já feito em outras áreas.



LOCAL EM VILA VELHA, perto do terminal, onde usuários de drogas são vistos em todos os horários

ANÁLISE

"Efeito do crack faz usuário se sentir um deus"

Jerson Ramos de Souza, promotor de Justiça e palestrante sobre a influência das drogas na sociedade



"Usando crack e outras drogas, a pessoa alimenta o tráfico, atrapalha os estudos, perde o emprego, destrói a família e leva de brinde uma vaga em uma clínica na cadeia ou no cemitério. O cenário que se apresenta na atualidade é desesperador, porque o crack não só seduz pelo prazer, como também projeta o ser humano para o submundo da existência. Logo após o primeiro uso do crack, o usuário pode ter a certeza que a sarjeta será o seu futuro lar. Entre os inúmeros usuários de crack, encontramos pessoas de todas as classes sociais. O efeito do crack, que chega em segundos, faz com que o usuário sintam-se um 'deus'. As pessoas precisam ter cons-

ciência de que a sedução do crack leva o homem a chegar a um nada. Só que depois vem a depressão, levando o usuário a abortar quaisquer regras de comportamento social, motivando-o inclusive ao latrocínio (assalto seguido de morte) e a prática de outros crimes. O usuário passa a ser capaz de atacar qualquer pessoa, até um membro da família. Agora estão recorrendo ao fristo, pois a maconha tem um efeito mais calmante e o crack tem um efeito mais excitante. Eles misturam essas drogas para ficar equilibrado. Nossos jovens estão se destruindo no crack. Digo que, se nada for feito para coibir isso, seremos colônias de outros países por falta de mão de obra qualificada."